

pareSeres da terra e a música popular portuguesa no Conservatório do Vale do Sousa¹

António José Pacheco Ribeiro²

Conservatório do Vale do Sousa, Lousada | Portugal

Universidade do Minho, CIEC, Braga | Portugal

Resumo: Este artigo aborda a problemática do ensino da música em Portugal, após a sua inserção no sistema geral de ensino, e apresenta um relato de experiência desenvolvido no Conservatório do Vale do Sousa - Lousada, no âmbito do projeto *pareSeres da terra*. Este projeto tem como principal propósito responder às necessidades de renovação da escola de música. Neste sentido, pretende consciencializar para a necessidade de introduzir no currículo do Conservatório do Vale do Sousa outras tipologias musicais, ou seja, outros estilos e géneros musicais, divulgar o património musical português não erudito, sensibilizar os mais novos para a preservação da cultura musical portuguesa e solidificar o projeto de escola. Apresenta, igualmente, uma viagem retrospectiva em torno da programação levada a cabo durante estes dez anos de evento e conclui-se que *pareSeres da terra* representa uma proposta inovadora e de ruptura com a conceção de escola de música assente no paradigma tradicional.

¹ *pareSeres da terra and Portuguese popular music at the Conservatory of Vale do Sousa*. Submetido em: 03/09/2017. Aprovado em: 23/12/2017. O termo «popular» utilizado nas línguas latinas e anglo-saxónicas têm significados diferentes; nas primeiras tem uma conotação que o aproxima da música tradicional (Sardo, 2009); salvo quando é indicado, é neste sentido que é aqui utilizado.

² António José Pacheco Ribeiro é Licenciado em Ensino de Música pela Universidade de Évora e Mestre em Estudos da Criança - Especialidade de Educação Musical pela Universidade do Minho. Realizou a parte letiva do Curso de Mestrado em Etnomusicologia na Universidade de Aveiro. Doutorou-se em 2013 na Especialidade de Educação Musical do Doutoramento em Estudos da Criança, no Instituto de Educação da Universidade do Minho, sob a orientação da Professora Helena Vieira. O seu interesse de pesquisa centra-se no ensino artístico especializado da música em Portugal, área em que tem desenvolvido a sua atividade pedagógica e de investigação, e na etnomusicologia e música tradicional, áreas em que tem desenvolvido diversos projetos de interação com a sociedade. Leciona no Conservatório do Vale do Sousa, em Lousada, e no Instituto de Educação da Universidade do Minho. É membro integrado do Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC). E-mail: antoniopacheco@ie.uminho.pt

Palavras-chave: pareSeres da terra; ensino especializado da música; música popular portuguesa; Conservatório do Vale do Sousa.

Abstract: This article deals with the problems of music education in Portugal, after its insertion in the general teaching system, and presents an experience report developed at the Conservatory of Vale do Sousa - Lousada, within the context of the *pareSeres da terra* project. This project has as main purpose to respond to the renovation needs of the music school. In this sense, it intends to raise awareness of the need to introduce other types of music in the Conservatory of Vale do Sousa curriculum, to disclose the non-erudite Portuguese musical heritage, to sensitize the younger generation to the preservation of Portuguese musical culture and to solidify the school project. It also presents a retrospective tour of the programming carried out during these ten years of the event and it is concluded that *pareSeres da terra* represents an innovative proposal and break with the design of a music school based on the traditional paradigm.

Keywords: pareSeres da terra; specialized teaching of music; Portuguese popular music; Conservatory of Vale do Sousa.

* * *

O ensino de instrumentos musicais em Portugal acontece no chamado ensino artístico especializado da música. Este, por seu lado, desenvolve-se em dois ramos distintos com o mesmo propósito: formação de músicos profissionais: o ramo vocacional, que compreende as academias e os conservatórios de música, e o ramo profissional, que compreende as escolas profissionais. O ensino genérico da música desenvolve-se nas escolas generalistas mas não se centra na aprendizagem de instrumentos musicais.

O ensino artístico especializado da música ministrado no âmbito das academias e conservatórios de música (que nos interessa para este trabalho), sofreu uma importante e significativa reforma em 1983 (Decreto-Lei nº 310/83, de 1 de julho; RIBEIRO; VIEIRA, 2016a). Esta reforma inseriu as artes no sistema geral de ensino e criou um novo conceito de escola: a escola *vocacional*. Neste sentido, foram criadas áreas vocacionais de Música e Dança e integradas no sistema de ensino preparatório e secundário. A frequência nos cursos de ensino artístico especializado poderia ser feita num dos seguintes regimes de frequência: *regime integrado* – quando as disciplinas de formação geral e as disciplinas de formação específica e vocacional são ministradas no estabelecimento de ensino artístico; *regime articulado* – quando as disciplinas de formação geral são ministradas numa escola de ensino preparatório ou secundário e apenas as disciplinas de formação específica e vocacional são ministradas

no estabelecimento de ensino artístico especializado. Uma terceira possibilidade de frequência apontava para aquilo que viria a ser chamado, posteriormente, *regime supletivo* (Despacho nº 76/SEAM/85, de 9 de outubro) – quando a formação específica e vocacional era ministrada no estabelecimento de ensino artístico, independentemente das habilitações do aluno: o aluno frequenta, apenas, a componente de formação específica e vocacional, no entanto a certificação do curso básico de música e do curso secundário de música só serão possíveis quando o aluno comprovar que possui o 9º ano de escolaridade (equivalente ao curso básico de música) e o 12º ano de escolaridade (equivalente ao curso secundário de música). Ao nível superior foram criadas as Escolas Superiores de Música, Cinema, Dança e Teatro e inseridas no âmbito do ensino superior politécnico.

As transformações socioeconómicas ocorridas em Portugal, na década de 90 do século passado, fizeram com que o ensino artístico especializado da música, sofresse um aumento significativo com a criação de várias escolas vocacionais (da rede particular e cooperativa), por um lado, devido à elevada procura deste tipo de ensino como consequência da democratização do ensino, a valorização da educação artística nos planos curriculares do ensino básico (Decreto-Lei nº 344/90, de 2 novembro) e alargamento da escolaridade obrigatória e, por outro lado, pela criação do ensino profissional (Decreto-Lei nº 26/89, de 21 de janeiro).

Os projectos das primeiras escolas profissionais com cursos de Música foram promovidos por escolas vocacionais de música particulares, em resposta às dificuldades e indefinições com que o ensino vocacional se defrontava. No quadro da dinâmica favorável à criação dos cursos profissionais secundários, vocacionados para a formação de quadros intermédios (qualificação de nível III) e para a sua inserção no mercado de trabalho, foram aprovados cursos profissionais de Música (níveis II e III) com planos de estudo e programas muito semelhantes aos do ensino vocacional, muitas vezes leccionados pelos mesmos professores, que têm dado resposta com sucesso à formação dos jovens (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2003: 29).

Efetivamente, as escolas profissionais artísticas afirmaram-se como casos de sucesso, contrariamente ao ensino vocacional que foi perdendo a sua caracterização e identidade, graças ao seu modo de funcionamento e à sua oferta de formação credível, assente na autonomia pedagógica, num plano de estudos próprio e frequência em regime integrado. Segundo Folhadela, Vasconcelos e Palma (1998: 39- 40), tal situação adveio do diferente tratamento que ambos os modelos de escola obtiveram da Administração, nomeadamente,

(...) no que respeita aos financiamentos, ao acompanhamento pedagógico, às formas de avaliação da escola, à produção de normativos. De facto, o investimento realizado proporcionou às escolas profissionais, dotadas de autonomia, melhores condições para optimizarem os seus recursos e desenvolverem os seus projectos, possibilitando-lhes a criação dos seus próprios currículos em regime integrado.

No caso concreto das escolas vocacionais de música, estas transformações socioeconómicas

ocorridas no país «conduziram a uma transformação significativa no que se refere à procura do ensino especializado da música, com conseqüente alteração da população que passou a frequentar estas escolas» (FOLHADELA; VASCONCELOS; PALMA, 1998: 7). Na realidade, as escolas vocacionais de música revelaram grandes dificuldades em assumirem a reforma de 1983, por diversos factores. Por um lado, pela dificuldade de implementação dos regimes de frequência integrado/articulado (estes regimes de frequência só vieram a efetivar-se com a reestruturação de 2007 que culminou com a Portaria nº 691/2009, de 25 de junho), por outro lado, pela dificuldade de implementação de percursos formativos diversificados identificados com as realidades sociais contribuindo, desta forma, para acentuar o dilema com que este tipo de escola se depara, «(...)confinadas que se encontram a uma oferta que não responde à procura diversificada actualmente existente...» (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2003: 9). De acordo com Silva (2000: 63),

[é] consensual o diagnóstico de que um problema básico do ensino vocacional da música (...) é a convergência de duas procuras distintas: uma procura que pretende, apenas ou sobretudo, uma mais valia pessoal, em termos de formação musical; e uma procura que se orienta pela aspiração a uma formação musical propriamente vocacional, para futura profissionalização.

Na verdade, estas escolas são hoje frequentadas por um número cada vez maior de crianças procurando diferentes saberes e conhecimentos, colmatando deficiências de formação que são particularmente sentidas pelas comunidades educativas. A diferente procura não foi acompanhada pela necessária introdução de ofertas curriculares diversificadas capazes de responderem às novas expectativas e solicitações da população escolar. Atente-se nas seguintes palavras de Folhadela, Vasconcelos e Palma (1998: 7-55):

O modelo único de organização curricular e pedagógica, predominante no ensino especializado da música, que assenta na formação de instrumentistas solistas, ancorado numa perspectiva do século XIX e numa única tipologia musical, tem impedido que se dêem respostas adequadas à procura crescente da aprendizagem musical que correspondam à heterogeneidade dos territórios, dos alunos, dos públicos, dos profissionais e do desenvolvimento do mercado de emprego. [...] Por outro lado, é sabida a apetência dos adolescentes pelas linguagens da música *Pop*, do *Jazz* e, mais recentemente pelo fenómeno da *World Music*, que tem sido, nos melhores casos, um importante veículo de divulgação de culturas extra-europeias, ajudando a promover o respeito pela diferença e pelo “outro”. A completa ausência destas e de outras tipologias nos actuais currículos e a subvalorização destes fenómenos culturais, pela maioria dos docentes, tem provavelmente causas muito semelhantes às que levam a uma não-aceitação, quase generalizada, da música do século XX. Esta constatação deve-nos levar a abordar sem preconceitos o problema da integração no currículo de outras tipologias musicais, entre as quais se encontram tipologias “mais próximas” dos alunos das nossas escolas.

Os problemas do ensino artístico especializado da música, que advinham desde a criação do Conservatório de Música de Lisboa ligado à Casa Pia (1835), tornaram-se, assim, uma realidade cada vez mais particular. Efetivamente, as dificuldades de implementação da reforma estrutural mencionada (1983) ainda hoje se fazem sentir e esta mesma reforma não resolveu os problemas existentes. Neste

sentido, este subsistema de ensino foi alvo de uma reestruturação iniciada em 2007 (RIBEIRO; VIEIRA, 2016b) com a intenção de clarificar procedimentos organizativos e institucionais. Esta reestruturação culminaria com a publicação da Portaria nº 691/2009, de 25 de junho, que criou os Cursos Básicos de Dança, de Música e de Canto Gregoriano e aprovou os respetivos planos de estudo. Pese embora esta reestruturação ter contribuído para uma melhoria do subsistema de ensino, a verdade é que os jovens e adolescentes continuam a procurar junto da escola especializada de música (escola vocacional) conhecimentos ligados a outras linguagens musicais, nomeadamente pop/rock, jazz, world music, música popular/tradicional (PACHECO, 2013) e estas mesmas escolas continuam a não corresponderem às diferentes solicitações, ancoradas num ensino tecnicista, virtuoso, de formação de músicos instrumentistas solistas, assente numa única tipologia musical ligada à música erudita ocidental.

O ensino musical ancorado nas perspetivas de séculos passados não responde aos pressupostos educativos e formativos associados às múltiplas linguagens musicais e propostas estéticas contemporâneas e esta realidade está bem presente no Conservatório do Vale do Sousa. O ensino artístico especializado da música precisa, assim, assumir esta realidade e as escolas necessitam de fomentar os seus projetos nas suas comunidades sem preconceitos de integrar nos currículos outras tipologias musicais (PACHECO, 2013).

No início do século XX grandes nomes da música e da pedagogia da música como Cecil Sharp, Zoltán Kodály e Ruth Seeger trabalharam no sentido de incluir no currículo das escolas música popular (neste caso concreto, entenda-se toda a música que não é erudita) europeia e norte americana. No entanto, foi a partir da década de 1960 que a música popular entrou nos currículos escolares das instituições de ensino ocidentais, primeiramente com a inclusão do *Jazz* nos Estados Unidos. Na Inglaterra a música popular ganhou adeptos, também, na década de 1960 e o subsequente desenvolvimento de novos materiais curriculares e estratégias de ensino colocaram a música popular nos currículos escolares de muitos outros países durante a década de 1980 (GREEN, 2002). Ainda segundo Green (2002), desde as últimas três ou quatro décadas do século XX, os profissionais de música: conferencistas, professores de música, professores de instrumento – que lecionam desde o ensino primário ao superior – têm reconhecido e incorporado no seu trabalho vários géneros musicais populares.

pareSeres da terra e o Conservatório do Vale do Sousa: a ideia inicial

O projeto *pareSeres da terra* foi implementado no Conservatório do Vale do Sousa – Lousada, escola do ensino artístico especializado da música (ramo vocacional), e teve o seu início no ano de 2007. O seu princípio orientador fundou-se na ideia intrínseca bifurcada de um *parecer* e de um *para ser* da terra. Neste sentido, desenvolveu-se um programa de aproximação a outras tipologias musicais

diferenciadas, nomeadamente a música popular/tradicional portuguesa. De acordo com Pacheco (2012a: 5):

Este projecto inserido no âmbito da música popular/tradicional portuguesa (...) compreend[e] um conjunto de propostas que pretende[m] envolver a comunidade educativa em torno de uma ideia pedagógica/musical, criando espaços para reflexões, recriações e, essencialmente, sensibilizando para o património musical português, factor essencial da nossa identidade cultural.

O projeto apresenta os seguintes objetivos: (i) consciencializar para a necessidade de introduzir no currículo do Conservatório do Vale do Sousa outras tipologias musicais; (ii) divulgar o património musical português não erudito; (iii) sensibilizar os mais novos para a preservação e divulgação da cultura musical portuguesa; (iv) solidificar o projeto de escola.

O propósito do projeto assenta na ideia de um tributo ou evocação a um cantor, músico, compositor, representativo da música popular/tradicional portuguesa e recriar a sua obra para as diferentes formações existentes na escola: Orquestra de Sopros, Orquestra de Cordas, Coros do Conservatório, Coro de Pais e Encarregados de Educação, classe de Acompanhamento e Improvisação e diferentes formações de Música de Câmara; por vezes, também diferentes parceiros educativos provenientes da comunidade educativa são convidados a participar. O cantor é escolhido no início do ano letivo e aprovado pelo Conselho Pedagógico do Conservatório. Depois desta aprovação, pede-se autorização formal ao cantor para ser trabalhada a sua obra e solicita-se a sua presença no *Concerto Final*. Neste sentido, cada formação participante escolhe as canções que pretende interpretar e solicitam-se os arranjos a diferentes intervenientes do Conservatório: professores, alunos mais avançados e à classe do curso secundário de música: Análise e Técnicas de Composição. Por vezes fazem-se solicitações a ex-alunos do Conservatório e encomendas a compositores consagrados do meio académico.

Os alunos da disciplina de *Com Textos Musicais* (disciplina de oferta complementar do curso básico de música – 9º ano de escolaridade) realizam ao longo do ano letivo uma pesquisa sobre a vida e obra do cantor em epígrafe e elaboram uma brochura que será publicada com ISBN, tendo como editor o Conservatório do Vale do Sousa. Este trabalho é, aquando da sua publicação, apresentado à comunidade educativa do Conservatório do Vale do Sousa.

Dependendo da programação feita em particular para cada ano, e considerando o respetivo orçamento, o projeto pode envolver concertos com bandas consagradas da área musical ou cantores já tributados em anos anteriores, assim como workshops de instrumentos tradicionais portugueses e conferências devidamente enquadradas na temática proferidas por especialistas da área. Os concertos finais são gravados em DVD para divulgação junto da comunidade educativa e envia-se uma cópia ao autor tributado.

O projeto *pare.Seres da terra* é envolvente e toda a comunidade educativa é convidada a participar

ativamente, estabelecendo parcerias de colaboração com diferentes entidades e parceiros educativos.

pareSeres da terra e o Projeto Educativo do Conservatório do Vale do Sousa

O projeto *pareSeres da terra* enquadra-se e fundamenta-se no Projeto Educativo da escola, no sentido de responder a necessidades específicas da sua comunidade sociocultural, e de contribuir para a criação duma verdadeira escola. Responde, desta forma, concretamente, às seguintes políticas educativas (A) e objetivos gerais (B) (GOUVEIA; PACHECO; ALVES; FERNANDES; CRUZ, 2006: 37):

- (A): (...) 6) responsabilização dos Pais e Encarregados de Educação no sucesso do processo educativo;
- (7) ampliação da noção e definição de currículo;
- (...) (12) implementação de programas orientados para a Música Popular/Tradicional Portuguesa;
- (...) (15) reforço das relações de colaboração com a Autarquia e outros agentes educativos comunitários;
- [...]
- (B): (...) (6) sensibilizar os Pais e Encarregados de Educação para uma participação activa nas actividades escolares, interesse e acompanhamento no estudo, contacto com os professores: a Família como primeiro Educador;
- (...) (12) sensibilizar para o património musical português com base na nossa identidade cultural;
- (...) (15) melhorar os recursos, consolidar uma oferta própria, autentica e criar um maior envolvimento da «Escola por Fora»;
- (...).

O projeto *pareSeres da terra* assume (10 anos passados), inequivocamente, uma referência no plano anual de atividades do Conservatório congregando esforços, solicitando parceiros, no sentido de responder de forma unitária a um sentido de escola global, onde a música portuguesa seja o vetor fundamental e a linha prioritária de ação. A singularidade do projeto auto conferiu-lhe um lugar de destaque e de mérito no seio da escola, contribuindo, desta forma, para a sua clara identidade, para a afirmação do projeto de escola e para o desenvolvimento de políticas culturais de educação artística sustentadas e fundamentadas na realidade onde a escola se insere.

Breve História Cronológica dos pareSeres da terra

1ª Edição 2007: José Afonso

Do Choupal até à Lapa: O Elemento Popular na Música de José Afonso

José Afonso foi o autor mais marcante da música popular portuguesa. Se este conceito existe deve-se, sem dúvida alguma, ao trabalho desenvolvido por José Afonso.

O elemento popular na música de José Afonso constitui, sem margem de dúvida, um legado

fundamental e determinante na sua atividade de composição quer como fonte direta, mediante a recriação e estilização de espécimes populares, quer como influência identificadora e enraizada do seu próprio processo criativo. De tal forma esta afirmação é verdade, que certas composições de sua autoria, não sendo, portanto, tradicionais, parecem emergir do enorme e extraordinário legado da nossa tradição oral. José Afonso é invulgar e surpreende pela sua capacidade de interiorização dos cânones da herança musical da tradição oral. O seu trabalho de composição tem como linha condutora, orientadora, esta característica de *ruralidade* porque constitui de facto um elemento marcante e unificador na globalidade da sua obra. A sua acção integrada na corrente de recuperação e da recriação estilizada do legado musical da tradição oral, foi de tal forma importante que determinou uma nova atitude fundamental que se tornou referência essencial para os nomes mais representativos do movimento da música popular portuguesa que eclodiu de forma poderosa e expressiva nos anos 80 do século passado (CORREIA, s/d).

José Afonso inicia a sua movimentação nas lides musicais, culturais e políticas de Coimbra, em finais dos anos 50 do século passado, integrado numa nova geração que ousava questionar e colocar em causa, por um lado, a velha universidade, por outro, o próprio sistema vigente: a repressão, a denúncia de um regime ditatorial e obscurantista e a procura de novas formas de consciencialização e de convívio despidas de tabus e preconceitos especialmente ao nível do movimento associativo e a tão reclamada democratização do ensino (CORREIA, s/d).

Não creio que uma geração de cantores possa subsistir sem uma forma que os impulse, sem uma razão genuína, originada na nossa tradição rural, na qual se apoiem para não caírem em importações. Essa raiz existe mas é em grande parte ignorada ou, o que é pior, menosprezada (JOSÉ AFONSO *apud* CORREIA, s/d: 8).

O trabalho de José Afonso: a sua abordagem descomplexada face ao legado musical da tradição oral, as suas recriações, as suas canções compostas segundo os cânones tradicionais, contribuíram para a aproximação ao legado musical da tradição oral por parte de outras gentes que assim perderam a vergonha e, desta forma, enaltecera substancialmente o papel de recolha e de preservação desenvolvido por uma notável plêiade de investigadores e etnomusicólogos (CORREIA, s/d).

Eu teria então os meus quinze anos e não gostava quase nada do que se fazia na música portuguesa. Nisso, devo dizer, não estava só. Ora, um país onde a gente nova não se reconhece, seja na música seja no resto, é um país doente, a precisar de um doutor. Ouvei então uma voz única, e vinha de facto de um doutor: chamavam-lhe, e chamava-se, Dr. José Afonso, à boa maneira coimbrã, pomposa e classista; mas esse doutor trazia canções que rebentavam diques, ideias feitas, praxes, estruturas (SÉRGIO GODINHO *apud* CORREIA, s/d: 12).

José Afonso nasceu a 2 de agosto de 1929, na cidade de Aveiro e morreu no dia 23 de fevereiro de 1987, no Hospital de Setúbal, vítima de doença incurável. O funeral realizou-se no dia seguinte com

mais de 30 mil pessoas a prestarem-lhe a última homenagem percorrendo os 1300 metros do cortejo fúnebre entre a Escola Secundária de S. Julião, até ao seu último refúgio: o cemitério da Senhora da Piedade, em Setúbal, onde os seus restos mortais foram depositados na sepultura 1606 do quadro 19.

Após a sua morte vários tributos foram prestados por inúmeros artistas, portugueses e estrangeiros, compreendendo estilos vários, gerações diferentes, tendo por base a recriação e reinterpretção das suas canções numa mostra evidente de que a música de José Afonso é inesgotável e um espólio fundamental do nosso património musical.

A edição de 2007 contou com as seguintes atividades:

Conferências – *As Raízes do Folclore Português: Uma Visão Etnomusicológica*, por Vanessa Mateus; *Os Cordofones Portugueses*, por António Pacheco; *Do Choupal até à Lapa: O Elemento Popular na Música de José Afonso*, por António Pacheco.

Concertos – *Grupo Druídas (Música Tradicional Portuguesa)*; *Concerto Final: A Obra Musical de José Afonso Reinventada*.

2ª Edição 2008: Sérgio Godinho

Com Sérgio Godinho... À Terça-Feira

Sou músico. Na música englobo as palavras – sou poeta: englobo o estar no palco – sou cantor: faço melodias e ritmos – sou compositor: um músico usa tudo, as palavras, o palco, não consigo separar.

Sérgio Godinho

A segunda edição dos *pareSeres da terra* incidiu num cantor extraordinário e muito significativo da música popular portuguesa: Sérgio Godinho. Este autor foi companheiro das canções de José Afonso, e viu neste, uma forte influência a considerar.

Sérgio Godinho nasceu a 31 de agosto de 1945, no Porto. Aos 17 anos estreia-se como ator no Teatro Universitário do Porto. Parte para o estrangeiro para fugir à Guerra Colonial. Esteve afastado do País durante 9 anos. Primeiro destino 1965: Genebra – Suíça. Mais tarde muda-se para Paris – França em 1967. Em Paris priva com outros músicos portugueses, como Luís Cília, Zeca Afonso (José Afonso), e José Mário Branco. Em 1971 com José Mário Branco, em *Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades*, participa como autor de quatro letras e como músico acompanhante. É ainda neste ano que Sérgio faz a sua estreia discográfica com o seu primeiro longa-duração, *Os Sobreviventes*, gravado no Strawberry Studios no Château d'Hérouville em França com músicos locais para a companhia Sasseti. Este disco viria a ser considerado *Melhor Disco do Ano* pela imprensa especializada (PACHECO, 2008).

A partir daqui a sua obra não para e constitui-se de inúmeros trabalhos de grande referência para a música popular portuguesa. A sua linha criativa é única e singular, e as suas obras são absolutamente

particulares. O seu trabalho obteve vários prémios ao longo do tempo: *Pré-Histórias* (1972), considerado disco do ano em 1973, *Campolide* (1979) premiado com o Prémio da Crítica Música & Som, *Canto da Boca* (1981) recebe o prémio de Melhor Disco Português do Ano, atribuído pela Casa da Imprensa e, também, o Sete de Ouro para o Melhor Cantor Português do Ano, *Aos amores* (1989) foi premiado com o Prémio José Afonso e *Tinta Permanente* (1993) viria a ganhar, novamente, o Prémio José Afonso, galardão entregue em 1994. A sua atividade artística estende-se também a outras áreas artísticas, nomeadamente o Teatro, a Literatura e o Cinema (PACHECO, 2008).

A edição de 2008 contou com as seguintes atividades:

Conferência – *Com Sérgio Godinho... À Terça-feira*, pelo Coro de Pais e Encarregados de Educação do Conservatório do Vale do Sousa.

Workshop – *O nosso Cavaquinbo*, por André Jesus.

Concertos – *Toques do Caramulo (Música Tradicional Portuguesa)*; *Concerto Final: A Música de Sérgio Godinho Reinventada*.

Sérgio Godinho esteve presente na conferência: *Com Sérgio Godinho... À Terça-Feira* e no *Concerto Final*, onde teve oportunidade de agradecer, de louvar a iniciativa e de referir que nunca tinha visto uma coisa assim... no mesmo palco, pais, alunos e professores juntos em torno da música.

3ª Edição 2009: Música Tradicional da Região (Vale do Sousa)

A terceira edição dos *pareSeres da terra* incidiu na música tradicional do Vale do Sousa. Pretendeu-se, desta forma, sensibilizar a comunidade educativa para as suas raízes culturais. Não se fez uma recolha etnográfica, propriamente dita, mas através das canções gentilmente cedidas pelos Grupos Folclóricos e Etnográficos da região, foi possível fazer uma viagem retrospectiva e muito rica em torno do património musical do Vale do Sousa.

A edição de 2009 contou com a seguinte programação:

Conferência – *Música Tradicional Portuguesa*, por Sílvio Cortez.

Workshop – *Atelier de Instrumentos Tradicionais Portugueses*, por elementos do grupo Andarilho.

Concertos – *Sérgio Godinho*; *Andarilho (Música Tradicional Portuguesa)* (este concerto integrou numa parceria o Festival Folia da Jangada Teatro – Lousada); *Concerto Final*.

4ª Edição 2010: Xutos e Pontapés

Os Xutos e Pontapés foram formados pela mão de Zé Pedro (Guitarra) e Zé Leonel (Voz) em dezembro de 1978, aos quais se juntaram Kalu (Bateria) e Tim (Baixo). O primeiro concerto da banda

ocorreu a 13 de janeiro de 1979, no espaço dos Alunos de Apolo, em Lisboa. Em 1981 entra para a banda o guitarrista Francis e sai Zé Leonel, passando Tim a assumir a voz principal. Este ano fica marcado pelas duas primeiras gravações: os singles *Sémen/Quero Mais* e ainda *Toca e Foge/Papá Deixa Lá*. A repercussão dos dois primeiros trabalhos gravados permitiu-lhes o direito a registarem o primeiro álbum, 78/82, onde incluem o melhor que produziram ao longo dos primeiros quatro anos de vida. Em 1983 Francis abandona o grupo e entra para o seu lugar o guitarrista João Cabeleira. Também desde este ano os Xutos passam a contar com a colaboração do saxofonista Gui. Esta formação mantém-se até aos nossos dias. A sua vasta obra inclui: *Cerco*, de 1985, com o incontornável tema *Homem do Leme*; *Circo de Feras* (1987) com temas como: *Não Sou o Único*, *Contentores* e *Vida Malvada*; 88 (1988); *Gritos Mudos* (1990); *Dizer Não de Vez* (1992); *Direita ao Deserto* (1993); *Dados Viciados* (1997); *Tentação* (1988); *XIII* (2001); *Mundo ao Contrário* (2004); *Xutos e Pontapés* (2009). A par destas edições foram, também, editados vários singles, álbuns ao vivo e compilações (TEIXEIRA, 2011: 36-37).

A quarta edição dos *pareSeres da terra* contou com a seguinte programação:

Concertos: *Galandum Galundaina (Música Tradicional Portuguesa)*; *Concerto Final: Xutos e Pontapés*.

5ª Edição 2011: Vitorino

Menina Estás à Janela

pareSeres da terra 2011 teve a honra de ter entre nós um dos nomes mais significativos da música popular portuguesa. Vitorino Salomé Vieira nasceu em 1942, em Redondo no Alentejo, no seio de uma família de músicos. Desde pequeno ouvia música em casa tocada pelos seus tios. Conheceu Zeca Afonso de quem se tornou amigo, durante a realização da recruta no Algarve. Aos 20 anos foi para Lisboa, onde começaram as tertúlias e os prazeres boémios. Em 1968 entrou para o Curso de Belas Artes. Vitorino esteve ligado a um dos mais genuínos registos da música do Alentejo, o disco do *Grupo de Cantadores do Redondo*. Emigrou para França, onde estudou pintura e juntou-se a Sérgio Godinho e José Mário Branco, que também tinham emigrado. Colaborou no álbum de José Afonso *Coro dos Tribunais*. Atuou no célebre concerto de março de 1974, *I Encontro da Canção Portuguesa*, que decorreu no Coliseu dos Recreios. Neste mesmo ano lançou o seu primeiro single: *Morra Quem Não Tem Amores*. Participou no disco *Cantigas de Ida e Volta* com outros nomes como Fausto, Sheila e Sérgio Godinho. Em 1975, estreou com o seu primeiro disco *Semear Salsa ao Reguinho* que incluía uma das canções mais importantes do imaginário português: *Menina estás à janela*. A linha mestra condutora dos seus dois discos posteriores *Os Malteses* (1977) e em *Não Há Terra Que Resista – Contraponto* (1979) não se alterou substancialmente. Já no disco *Romances*, trabalho de 1980, abre-se de par em par outra das suas frentes preferidas: a recolha de música tradicional que transforma, molda à sua voz e aos seus padrões criativos. Este disco acabou por se tornar num dos mais importantes álbuns editados na época onde as

preocupações com a preservação do nosso ameaçado património musical tradicional, imprescindível à nossa identidade nacional, se afirmavam presentes. A partir de então a obra de Vitorino estende-se até aos nossos dias com uma característica muito própria, recheada de sucesso e de prémios: *En Que Me Comovo Por Tudo E Por Nada*, de 1992, com textos de António Lobo Antunes, venceu o Prémio José Afonso/93 e o Se7e de Ouro/92 para a música popular (CORTEZ, 2011).

A edição de 2011 contou com as seguintes atividades:

De Braço Dado: Música na Secundária

Palestra: Do Choupal Até à Lapa: o Elemento Popular na Música de José Afonso; Workshop de Guitarra; Momento Musical: Músicas de José Afonso, por António Pacheco (estas atividades destinaram-se aos alunos da Escola Secundária de Lousada).

Conferências – *Um olhar cinco pareSeres*, por António Pacheco; *Vitorino: Menina Estás à Janela (Vida e Obra de Vitorino)*, pela Associação de Estudantes do Conservatório do Vale do Sousa.

Workshop – *Sons da memória: Atelier de Instrumentos Populares Portugueses*, por Vasco Monterroso.

Concertos – *Concerto Final: Vitorino: Menina Estás à Janela!*

O cantor Vitorino esteve presente na conferência: *Vitorino: Vida e Obra* e assistiu ao *Concerto Final*, tendo, inclusivamente, cantado com o Coro e a Orquestra de Sopros do Conservatório o tema: Queda do Império. Manifestou, igualmente, o seu parecer, positivo, por iniciativas que envolvem a música popular portuguesa.

6ª Edição 2012: Fado

Fado e Outros Costumes

O ano de 2012 tributou a chamada canção portuguesa: *Fado* que viria a ser considerado pela UNESCO, neste mesmo ano, Património Imaterial da Humanidade. Não se evocou um nome em particular, mas sim um género musical que se constitui particularmente português, tradicionalmente acompanhado pela Guitarra Portuguesa, Viola e Viola Baixo. Hoje, o *Fado*, não se circunscreve, exclusivamente, a esta composição instrumental. Na realidade, a nova geração de fadistas acompanha-se com os mais variados conjuntos instrumentais, fruto das diversas influências que têm sido protagonizadas pelos novos cantores. De facto, o *Fado* tem sofrido uma grande evolução e alargado o seu horizonte musical. Neste sentido, vários nomes de fadistas foram considerados numa perspetiva do passado ao presente, desde a Amália Rodrigues, Alfredo Marceneiro, Carlos do Carmo, passando pela Marisa, Ana Moura e Mafalda Arnauth, dos tempos atuais. Foi, aliás, esta fadista que esteve no *Concerto Final* a representar o tema.

A turma de *Com Textos Musicais* realizou diversos pósteres sobre os fadistas, géneros de fado e sobre a Guitarra Portuguesa que foram expostos à comunidade educativa e que ainda hoje podem ser

consultados.

A edição de 2012 contou com as seguintes atividades:

Conferência – *Fado*, por Susana Sardo.

Workshop – *Guitarra Portuguesa*, por José Ricardo Silva.

Concertos – *Noite de Fados; Concerto Final: Fado e Outros Costumes*.

7ª Edição 2013: Fausto

Atrás dos Tempos Vêm Tempos

Carlos Fausto Bordalo Gomes Dias nasceu a 26 de novembro de 1948 a bordo do navio Pátria que navegava entre Portugal e Angola. Cantor, compositor, arranjador e autor de letras, passou a infância e a adolescência em Angola, convivendo quer com os estilos de músicas locais, quer com a música popular internacional interpretada por pequenas bandas locais. Iniciou a sua vida musical a tocar viola e a cantar com colegas de liceu e aos vinte anos deslocou-se para Lisboa para frequentar a Licenciatura em Ciências Socio-Políticas no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina. Enquanto universitário, desenvolveu atividade musical aproximando-se de nomes como José Afonso e Adriano Correia de Oliveira, que usavam a *Balada* como veículo de consciencialização social, mobilização política da juventude e canção de protesto, mostrando desta forma o descontentamento pela situação que se vivia na época. O seu primeiro fonograma, o EP *Fausto*, data de 1969 e valeu-lhe o Prémio Revelação, atribuído pela Rádio Renascença, que impulsionou a gravação do primeiro LP *Fausto* em 1970. Por esta altura estreou-se como cantor e acompanhador em conjunto com Manuel Freire, José Afonso e Adriano Correia de Oliveira, atuando em coletividades, universidades e outros espetáculos em Portugal, assim como na Alemanha, Espanha, França e Inglaterra (CORTEZ, 2013).

Fausto tem um jeito muito particularizado em termos musicais, a música que faz é de elevada qualidade, com um rigor milimétrico e altamente expressiva:

A Música Popular Portuguesa deve definir-se como uma música que se inspira na Música Tradicional e que, a partir da sua estrutura rítmica e melódica, desenvolve um trabalho de estilização, em que os acordes se vão desdobrando, abandonando a estrutura bitonal, e em que a parte rítmica se transforma num corpo inteiro influenciado por elementos de outras zonas tornando-se, muitas vezes, mais sugestiva, mais elaborada. A Música Popular Portuguesa dá possibilidades de fazer uma diversificação rítmica quase até ao infinito (CORREIA, 1984: 270).

É vasta e representativa a sua obra musical, no entanto salientam-se as seguintes obras musicais: *Por Este Rio Acima*, editado em 1982, o primeiro disco de uma trilogia dedicada à diáspora portuguesa. Seguindo a temática dos descobrimentos e da diáspora portuguesa, inspirando-se na crónica de viagens

Peregrinação, de Fernão Mendes Pinto (1614), a viagem proposta por Fausto é uma mistura de música e sonho; *Crónicas Da Terra Ardente*, é o segundo disco da trilogia sobre a diáspora portuguesa, que é editado apenas em 1994; em 2011, surge o duplo álbum *Em Busca Das Montanhas Azuis*, que completa a trilogia *Lusitana Diáspora*. Fausto Bordalo Dias destaca-se ao longo da sua carreira pela sagacidade com que sempre abordou a música. Com base no desenvolvimento e estilização da rítmica tradicional portuguesa, a que sempre juntou uma escrita poética e muito cuidada, o percurso de Fausto é único no universo musical português (CORTEZ, 2013).

A edição de 2013 contou com as seguintes atividades:

Conferências – *Fausto Bordalo Dias: Vida e Obra*, pela classe de Com Textos Musicais – Coordenação Professor Sílvio Cortez; *Numerofonia de Aschero*, por Paulo Ramalhoto; *Outras Músicas do Mundo no Conservatório do Vale do Sousa*, pela Ana Luísa Miranda; *Oferta Complementar no Curso Secundário de Música: Um Estudo de Avaliação*, pela Luísa Ferreira; *Contributo para o EarMaster 5 no Ensino da Harmonia*, por Ricardo Sousa.

Workshop - *AL-DUFF: do adufe tradicional ao Mediterrâneo*, por Rui Silva.

Concerto – *Concerto Final: Fausto: Atrás dos Tempos Vêm Tempos*.

Fausto não esteve presente no *Concerto Final* por não ter aceite o convite formulado pelo Conservatório do Vale do Sousa.

8ª Edição 2014: Pedro Barroso

Viva Quem Canta

António Pedro da Silva Chora Barroso (Pedro Barroso) nasceu em Lisboa a 28 de novembro de 1950, mas ainda com poucos dias de vida vai para Riachos (Ribatejo), terra natal de seu pai, que ali exercia a atividade de professor do ensino primário. Ribatejano assumido, cresceu até aos cinco anos em Riachos altura em que regressa a Lisboa. Os seus estudos musicais incidiram no estudo de Piano com a Professora Luísa Bruto da Costa, e, posteriormente, Canto com o tenor Carlos Jorge. É artista profissional desde 1978. Após o 25 de Abril colabora ativamente em inúmeras atuações por todo o País e desenvolve pesquisa na área dos estudos etnomusicológicos, tendo sido autor e realizador de programas de rádio (*Musicantes*, na RDP-2, de 1979 a 81) e de televisão (*Musicarte*, na RTP-1, em 1982 e *Tempo de Ensaio*, na RTP-1, em 1988), com o nobre intuito de chamar a atenção para a importância do património musical de matriz tradicional, não raramente vítima de desprezo das cátedras e encarado como coisa culturalmente inferior. Da sua longa carreira destacam-se atuações, praticamente, em todas as grandes salas portuguesas, nomeadamente, Coliseu, Aula Magna, Fórum Lisboa, Rivoli, Pavilhão Atlântico, bem como em todo o país, e ainda um pouco por todo o mundo: Alemanha, Bélgica, Brasil,

Canadá, Espanha, EUA, França, Holanda, Hungria, Luxemburgo, China, Suíça e Suécia, levando, assim, bem longe a cultura portuguesa. A sua obra de qualidade inquestionável e intrinsecamente portuguesa, enraizada na terra, realidade manifestamente inscrita nos títulos dos seus trabalhos: *Cantos à Terra Madre* (1982), *Cantos da Borda d'Água* (1984), *Roupas de Pátria Roupas de Mulher* (1986), entre outros, assim como inspirada numa beleza que radica do *feminino*, numa certa *sensualidade* e numa sensibilidade pessoal, já foi reconhecida com prémios significativos nacionais e estrangeiros. Pedro Barroso tem sido frequentemente solicitado para dar palestras e conferências, em torno da Cultura Portuguesa, em diversos locais do país e no estrangeiro, nomeadamente, nas Universidades de Nyemegen, Estocolmo, Toronto, Budapeste, USA e Brasil. No ano de 2009 Pedro Barroso celebrou 40 anos de carreira realizando um conjunto de concertos sob o título *40 Anos de Música e Palavras*. Em 2014 celebrou 46 anos de carreira: o Conservatório do Vale do Sousa entendeu por bem fazer-lhe uma homenagem integrando-o no projeto *pareSeres da terra 2014: Pedro Barroso: Viva Quem Canta* (PACHECO, 2014).

A edição de 2014 contou com as seguintes atividades:

Conferências – *Pedro Barroso: Vida e Obra*, pela classe de Com Textos Musicais – Coordenação Professor António Pacheco; *O Que me Dizem os Sons*, pela classe de Com Textos Musicais – Coordenação Professor António Pacheco; *Música dos Continentes*, pela classe de Com Textos Musicais – Coordenação Professora Anabela Freire.

Pedro Barroso não esteve presente nas sessões dos *pareSeres da terra* por motivos de saúde.

Concerto – *Concerto Final: Pedro Barroso: Viva Quem Canta!*

9ª Edição 2015: José Mário Branco

Mudam-se os Tempos Mudam-se as Vontades

José Mário Monteiro Guedes Branco, mais conhecido por José Mário Branco, nasceu a 25 de maio de 1942. Cresceu no Porto e desde muito novo dedica-se à música, ao teatro, cinema e ação cultural. Iniciou a sua carreira musical durante o *Estado Novo*, tendo sido perseguido pela PIDE até se exilar em França, em 1963. Efetuou centenas de recitais em França, Inglaterra, Suíça, Bélgica, Holanda, Alemanha e Itália. Com ele trabalharam José Afonso, Sérgio Godinho, Luís Represas, Fausto e Camané, entre outros, com os quais participou em concertos ou em álbuns editados como cantautor e/ou como responsável pelos arranjos musicais. Igualmente compôs e cantou para o teatro, o cinema e a televisão. Em 1974 regressou a Portugal e fundou o *Grupo de Ação Cultural – Vozes na Luta* com o qual gravou dois álbuns e realizou mais de 500 espetáculos em todo o país e no estrangeiro. Em 1983, fundou, conjuntamente com outros artistas, a *UPAV (União Portuguesa de Artistas e Variedades)*, da qual se afastou em 1993. Em 1994, com Amélia Muge e João Afonso, realiza um espetáculo de canções de José Afonso

– *Maio Maduro Maio* – que desde então tem tido grande êxito de público, em Portugal e no estrangeiro, e que deu origem a um duplo CD ao vivo. Em 1998 recebeu o Prémio de Carreira Blitz, participou no *Festival de Outono* (Teatro Camões) e realizou a convite do Teatro Rivoli do Porto um espetáculo de parceria com Jean Sommer, companheiro de José Mário Branco nos tempos de exílio e autor da música do tema *Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades* (trabalho editado em 1971 e referencial para a música popular portuguesa). O final de 2003 e o início de 2004 foram marcados pelas gravações de um novo trabalho de originais passados que estavam 14 anos sobre a edição de *Correspondências. Resistir é Vencer* foi o título escolhido para este novo projeto que como vem sendo hábito nos revela um compositor ímpar no panorama da música portuguesa. O disco, lançado no final de abril, foi aclamado pela crítica especializada e considerado um dos melhores trabalhos discográficos do ano; em 2005, *Resistir é Vencer* foi nomeado para o Prémio José Afonso. Em outubro de 2009, juntou-se a Sérgio Godinho e a Fausto Bordalo Dias para quatro noites que ficarão na história da música portuguesa. Juntos, em palco, três dos nomes mais importantes da música popular portuguesa deste país, ativos, com obra feita, percurso e carreiras artísticas que se tocam em vários pontos, quer poética, quer musicalmente – *Três Cantos*. Este trabalho foi registado em CD e DVD: *Três Cantos ao Vivo*. No dia 30 de abril de 2015, o músico foi distinguido com o Prémio Carlos Paredes de Carreira, no âmbito da quinta edição do *Festival Cantar Abril* (CORTEZ, 2015).

A edição de 2015 contou com as seguintes atividades:

Conferência – *José Mário Branco: Vida e Obra*, pela classe do 2º Ano de História da Cultura e das Artes – Coordenação Professor Sílvio Cortez.

Concerto – *Concerto Final: José Mário Branco: Mudam-se os tempos Mudam-se as Vontades*.

José Mário Branco não esteve presente no evento porque se encontrava fora do País.

10ª Edição 2016: Jorge Palma

A Gente Vai Continuar

Jorge Manuel d'Abreu Palma nasceu em Lisboa a 4 de junho de 1950, e com apenas 6 anos, iniciou os seus estudos de Piano na Academia Musical dos Amigos da Criança. Em 1963 venceu o 2º prémio e uma menção honrosa num Concurso Internacional das Juventudes musicais, realizado em Palma de Maiorca. O ano seguinte – 1964 – acabou por ser um ano chave na vida de Jorge Palma, pois marcou uma viragem a nível das suas preferências e práticas musicais, já que abandonou a música clássica, dedicando-se à música Pop/Rock, familiarizando-se com a guitarra numa base autodidata, tendo como influências Bob Dylan, Led Zeppelin e Lou Reed. Em 1967, Jorge Palma integra o grupo Black Boys como teclista e entre 1969 e 1971, integra o grupo Pop/Rock *Sindicato* como teclista e

cantor. A estreia a solo acontece em 1972 com o single *The Nine Billion Names of God*, título esse de um conto de Arthur C. Clark e inspirado no livro *O Despertar dos Mágicos* de Louis Pauwels e Jacques Bergier. O seu primeiro álbum *Com uma Viagem na Palma da Mão*, de 1975, passa relativamente despercebido. Entretanto grava o seu segundo trabalho discográfico *Te já*, em 1977. Em 1979 grava o seu terceiro álbum de originais, *Qualquer Coisa Pá Música* com alguns membros do grupo *O Bando*, seguindo-se uma série de atuações a solo e com o grupo. Em 1981 grava o duplo álbum *Acto Contínuo* e em 1984 surge o seu quinto álbum de originais *Asas e Penas*, realizando vários concertos em Portugal, Itália e França. *O Lado Errado da Noite* acontece em 1985 e é um dos trabalhos mais aclamados da sua carreira, de onde é extraído o single de grande sucesso *Deixa-me Rir*. Com este trabalho recebe os prémios *Sete de Ouro* e o *Troféu Nova Gente*, realizando uma longa digressão por Portugal e Ilhas. Um ano depois (1986) conclui o Curso Geral de Piano no Conservatório Nacional e grava o seu sétimo disco de originais *Quarto Minguante*. Começa a frequentar o Curso Superior de Piano no mesmo Conservatório, onde foi aluno da compositora Maria de Lourdes Martins. O trabalho *Bairro do Amor*, de 1989, é um disco de eleição, considerado pelos jornais como um dos álbuns do século XX da música portuguesa. O álbum *Só* (1991), apresenta um carácter intimista onde revisita alguns temas antigos (a solo e ao piano) que foi premiado com *Sete de Ouro* e novamente considerado como um dos álbuns do século XX. *Ao Vivo no Johnny Guitar* (1993), apresenta uma faceta rock, surge como sequência da formação do grupo *Palma's Gang* que reuniu os músicos Kalu e Zé Pedro (Xutos e Pontapés) e Flak e Alex (Rádio Macau) realizando vários concertos pelo país. Em 1996 integra o agrupamento *Rio Grande*, formado por Tim (Xutos e Pontapés), João Gil (Ala dos Namorados), Rui Veloso e Vitorino. O grupo alcançou grande popularidade e gravou dois CD's (1996 e 1998). Em 2000 realiza concertos por todo o país e sai a coletânea *Dá-me Lume*, um êxito comercial. Este sucesso leva ao lançamento de novo álbum de originais, participando também na banda sonora do tele filme *A Noiva*. No ano seguinte (2001) é editado o álbum *Jorge Palma*, muito bem recebido pela crítica e pelo público. Em 2002 recebe o Prémio José Afonso para o disco *Jorge Palma* e é nomeado para os Globos de Ouro promovidos pela SIC. Em 2004 gravou o álbum *Norte* e em 2007 lança o disco *Voo Nocturno*. Em 2010 lança o single *Tudo por um Beijo* que faz parte da banda sonora do filme *A Bela e o Paparazzo* (FERREIRA; PACHECO, 2016).

A edição de 2016 contou com as seguintes atividades:

Conferência – *Jorge Palma: Vida e Obra*, pela classe de Com Textos Musicais – Coordenação dos Professores Sandra Ferreira e António Pacheco.

Concerto – *Concerto Final: Jorge Palma: A Gente Vai Continuar*.

Jorge Palma não esteve presente no *Concerto Final*, por razões profissionais, no entanto enviou um vídeo, que foi apresentado no início do concerto, onde apresentou as suas felicitações e o seu agradecimento pela iniciativa em torno da música popular portuguesa.

11ª Edição 2017: Trovante

Balada das Sete Saias

O grupo Trovante, composto por João Nuno Represas, Luís Represas, Manuel Faria, João Gil e Artur Costa, iniciou as suas lides musicais em 1976 e gravou em 1977 o seu primeiro disco *Chão Nosso*, com uma forte componente política aliada à música tradicional portuguesa. No ano seguinte lançaram o álbum *Em Nome da Vida*, um disco que os confirmou como um nome importante na música de intervenção da época. A partir de 1980 o grupo integra mais dois elementos Fernando Júdice e António José Martins; João Nuno Represas, entretanto, abandona o grupo e é substituído por José Salgueiro: a banda passou a ter sete elementos. Nesta década a banda concentrou-se mais na vertente tradicional e editou um conjunto de discos de referência para a música popular portuguesa: *Baile no Bosque* (1981), *Cais das Colinas* (1983), *Trovante 84* (1984), *Sepes* (1986) e *Terra Firme* (1988) (WORM, 2011). De acordo com Teixeira (2011: 36):

“Baile no Bosque” foi uma espécie de terapia de felicidade surgida na música portuguesa. (...) O impacto estrondoso fora provocado por cinco jovens músicos que respondiam por um único nome: Trovante, o formato musical mais refrescante surgido entre nós nos finais dos anos 70. (...) “Baile no Bosque” foi um disco que teve efeitos inéditos e revitalizantes na designada música popular portuguesa. (...) O grupo conseguia atribuir uma configuração única e desprendida a um imaginário musical muito marcado por nomes como os de Zeca Afonso, Sérgio Godinho, Vitorino ou Fausto.

A partir da edição de *Baile no Bosque* os Trovante transformaram-se nos maiores protagonistas de espetáculos realizados no país, reconciliando milhares de pessoas com a música portuguesa. Desta forma, os Trovante integram, assim, o movimento da música popular portuguesa deixando para a história temas como *Balada das Sete Saias*, *Outra Margem*, *Saudade*, *Xácara das Bruxas Dançando*, *Travessa do Poço dos Negros*, *Perdidamente e 125 Azul*. Em 1990 o grupo editou o seu último trabalho de estúdio *Um Destes Dias* com o grande êxito *Timor*. Depois daquela que vira a ser a sua última digressão, o grupo separou-se.

A edição de 2017 dos *pareSeres da terra* contou apenas com o *Concerto Final: Balada das Sete Saias*. Este concerto teve a presença do então vocalista do grupo: Luís Represas e foi apresentado na emblemática Casa da Música, Sala Suggia, na cidade do Porto, no dia 18 de junho.

Conclusão

O projeto *pareSeres da terra* tem-se afirmado e desenvolvido no Conservatório do Vale do Sousa, integrado no seu Projeto Educativo, como consequência da problemática com que se depara o ensino

especializado da música em Portugal, desde a sua integração no sistema geral de ensino (Decreto-Lei nº 310/83, de 1 de julho). Muito embora este projeto se desenvolva no âmbito da música portuguesa não erudita, a verdade é que esta tipologia musical é abordada através de um programa de currículo informal e não formal, e que as tipologias musicais não eruditas encontram forte resistência junto da população docente. Neste sentido, segundo Pacheco (2012b: 11), é necessário:

(...) congregar esforços em torno de ideias que permitam um verdadeiro desenvolvimento artístico, assim como consciencializar para a necessidade de introduzir no currículo escolar do Conservatório do Vale do Sousa tipologias musicais diversificadas que respondam à diversidade da procura, valorizando a nossa identidade cultural e solidificando o projecto de escola. [...] O projecto *pareSeres da terra* representa [efetivamente] um claro sinal de ruptura com a concepção de escola de música assente no paradigma tradicional.

O projeto *pareSeres da terra* tem a ousadia e a honra de trazer até ao ensino especializado da música nomes significativos, particulares e representativos da música popular portuguesa, no sentido de promover a Música enquanto forma de expressão e identidade cultural de um povo. *pareSeres da terra* é, de facto, uma referência de identidade no Conservatório do Vale do Sousa e um testemunho vivo de um projeto sem preconceitos!

REFERÊNCIAS

- CORREIA, Mário. *Música Popular Portuguesa: um Ponto de Partida*. Coimbra: Centelha MC/Mundo da Canção, 1984.
- _____. *A Música Tradicional na Obra de José Afonso*. Cadernos de Música Popular. Lisboa: Associação José Afonso, [s/d].
- CORTEZ, Sílvio. *Vitorino: Vida e Obra*. Lousada: Conservatório do Vale do Sousa, 2011.
- _____. *Fausto Bordalo Dias: Vida e Obra*. Lousada: Conservatório do Vale do Sousa, 2013.
- _____. *José Mário Branco: Vida e Obra*. Lousada: Conservatório do Vale do Sousa, 2015.
- FERREIRA, Sandra; PACHECO, António. *Jorge Palma: Vida e Obra*. Lousada: Conservatório do Vale do Sousa, 2016.
- FOLHADELA, Paulo; VASCONCELOS, António Ângelo; PALMA, Eduardo. *Ensino Especializado da Música Reflexões de Escolas e de Professores*. Lisboa: ME – Departamento do Ensino Secundário, 1998.
- GOUVEIA et al. *Educação pela Música... e para a Música – Projecto Educativo*. Lousada: Conservatório do Vale do Sousa, 2006.
- GREEN, Lucy. *How Popular Musicians Learn: A Way Ahead for Music Education*. London: Ashgate Publishing Limited, 2002.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Reforma do ensino secundário: documento orientador da reforma do ensino artístico especializado – versão para discussão pública*. Lisboa: Autor, 2003.
- PACHECO, António. *Com Sérgio Godinho...À Terça-Feira*. Lousada: Conservatório do Vale do Sousa, 2008.
- _____. (Org.). *um olhar cinco pareSeres*. Lousada: Conservatório do Vale do Sousa, 2012a.

_____. *pareSeres da terra e outras tipologias musicais*. In: PACHECO, António (Org.). *um olhar cinco pareSeres*. Lousada: Conservatório do Vale do Sousa, 2012b. p. 7-12.

_____. *O Ensino da Música em Regime Articulado*. Projeto de Investigação-Ação no Conservatório do Vale do Sousa. Tese (Doutoramento em Estudos da Criança – Especialidade Educação Musical). Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, 2013.

_____. Pedro Barroso: Vida e Obra. In: PACHECO, António (Org.). *Pedro Barroso: Viva Quem Canta!* Lousada: Conservatório do Vale do Sousa, 2014. p. vii-14.

RIBEIRO, António Pacheco; VIEIRA, Maria Helena. The subsystem of specialized music education in Portugal since 1983: The process of integration into the general education system. *International Journal of Music Education*, 34, nr. 3, p. 311-323, 2016a.

_____. A articulação entre o ensino especializado da música e o sistema geral de ensino em Portugal: impacto actual da reestruturação de 2009. *Opus*, [s.l.], v. 22, n. 1, p. 237-254, jun. 2016b.

SARDO, Susana. Música Popular e diferenças regionais. *Multiculturalidade: Raízes e Estruturas*, Coleção Portugal Intercultural, Lisboa, Volume I, Universidade Católica Portuguesa, p. 407-476, 2009.

SILVA, Augusto Santos. *A educação artística e a promoção das artes, na perspectiva das políticas públicas: Relatório do grupo de contacto entre os Ministérios da Educação e da Cultura*. Lisboa: Ministério da Educação, 2000.

TEIXEIRA, Pedro. Grande baile. In: WORM, Maria João. *Trovante*. Lisboa: Edições a Bela e o Monstro, Edições LDA, 2011. p. 36-37.

_____. Adeus vida atinada. In: GOZBLAU, Alex. *Xutos e Pontapés*. Lisboa: Edições a Bela e o Monstro, Edições LDA, 2011. p. 36-37.

WORM, Maria João. *Trovante*. Lisboa: Edições a Bela e o Monstro, Edições LDA, 2011.

Legislação

PORTUGAL. Decreto-Lei nº 310/83, de 1º de julho – Insere o ensino artístico nos moldes gerais de ensino em vigor através da reconversão dos conservatórios de música em escolas básicas e secundárias, criando as respetivas escolas superiores de música inseridas na estrutura de ensino superior politécnico.

PORTUGAL. Despacho nº 76/SEAM/85, de 9 de outubro – Aprova os planos de estudo dos cursos básico e complementar de música em regime supletivo.

PORTUGAL. Decreto-Lei nº 26/89, de 21 de janeiro – Cria as Escolas Profissionais.

PORTUGAL. Decreto-Lei nº 344/90, de 2 de novembro – Estabelece as bases da educação artística no âmbito pré-escolar, escolar e extraescolar.

PORTUGAL. Portaria nº 691/2009, de 25 de junho – Cria os cursos básicos de dança, de música e de canto gregoriano e aprova os respetivos planos de estudo.